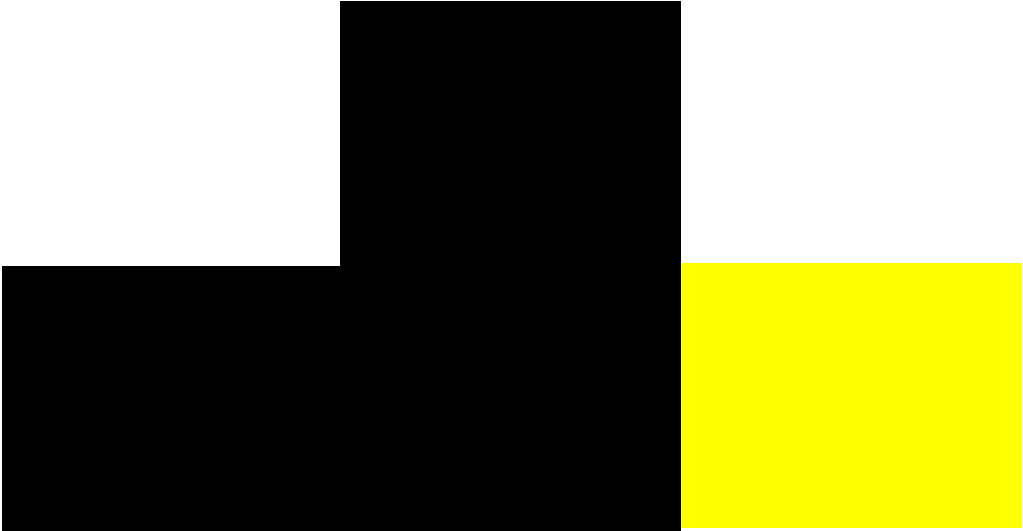


Esperançar em Lutas: reflexões sobre materialidades feministas na América Latina

Bibiana Oliveira Serpa

Designer e ativista feminista. Doutora pela ESDI/UERJ e cofundadora da Rede Design e Opressão, articula prática acadêmica e militância em torno da educação e da comunicação popular, e do design como prática social e política.



Agradeço pela paciência de vocês, estávamos enfrentando o patriarcado tecnológico, que não quer deixar a gente falar sobre aborto nesse local. Mas, sem mais delongas, eu sou a Bibiana, muito obrigada. Obrigada pelo convite, Carol e Marina.

Eu sou doutora aqui pelo programa de pós-graduação em Design da ESDI/UERJ, e atualmente eu sou coordenadora na campanha Nem Presa Nem Morta, que é uma iniciativa brasileira que luta por justiça reprodutiva e pelo direito ao aborto. Na minha tese de doutorado, eu falei bastante sobre politização, movimentos sociais e design, a partir da minha trajetória tentando articular essas questões – eu sou militante há mais de dez anos no movimento feminista e antes disso, no movimento estudantil quando eu era estudante.

A atuação dos movimentos sociais me fez perceber diferentes elementos que se conectam com o design, além dos processos que eu já estava estudando no doutorado, que foram os processos organizativos dos movimentos. Então, nesse momento eu estou estudando também esses objetos, essas materialidades. Eu acho que a conversa que a gente vai ter aqui agora dialoga muito com o que a Pamela estava falando, da construção material e também desse imaginário, dessa subjetividade que esses materiais trazem. E eu acho que vai tocar um pouco no que o Ribs estava falando também, das confluências. Adorei que você abriu com essa palavra, porque acho que também tem a ver com o que a gente vai conversar um pouquinho aqui. Então, fiquei muito feliz de ter ouvido vocês.

Primeiro vou apresentar o meu espaço de trabalho atual porque dialoga com as preocupações que eu quero dividir com vocês. Na Nem Presa Nem Morta, a gente atua com diferentes iniciativas e estratégias para a mobilização do debate público a respeito do aborto, porque uma das principais barreiras do aborto ser legalizado no Brasil é a gente não conseguir conversar sobre isso sem ser um tabu. A gente tem dificuldade, inclusive, de falar com pessoas próximas sobre isso, porque é um assunto proibido. Então, a gente atua numa tentativa de trazer o debate ao público a partir de outros elementos visuais, outros elementos narrativos, outros elementos imagéticos, tirando um pouco desse peso que o tema tem.

Eu também faço parte da rede Design Opressão, que é uma rede que estuda design e como esse ofício opera opressões. A gente também trabalha bastante com os movimentos sociais e o enfrentamento a essas opressões. Nesse sentido, a gente defende que precisamos entender como o design pode ser um elemento para potencializar essas lutas.

E é sobre isso que eu quero falar com vocês hoje. O que a gente vai discutir é o que podemos aprender com as materialidades e narrativas criadas nas lutas feministas por justiça reprodutiva aqui, especialmente na América Latina, mas também vou fazer um recorte histórico.

Em primeiro lugar: o que é justiça reprodutiva? A justiça reprodutiva é o direito de ter um filho, o direito de não ter um filho e o direito de criar esse filho em ambientes dignos, seguros e saudáveis. E aí eu vou fazer uma análise disso tudo a partir da dialética do Seu Paulinho (Paulo Freire). Todo mundo conhece o Seu Paulinho pela pedagogia do oprimido, mas ele tem um arcabouço teórico bem vasto. Ele fala da dialética denúncia-anúncio. Essa dialética é bem interessante e eu vou tentar construir com vocês uma análise das materialidades e visualidades dos movimentos feministas por justiça reprodutiva a partir dela.

Na teoria da dialética-anúncio, Paulo Freire diz que não adianta a gente denunciar sem anunciar e nem anunciar sem denunciar (Freire, 2014). O que seria a denúncia? Identificar, analisar e expor as condições de opressão que se vive ou que se tem. E o anúncio seria projetar e construir uma nova realidade. Isso está na pedagogia do oprimido, mas foi mais densamente discutido em *Ação Cultural para a Liberdade e eu trouxe essa citação para a gente pensar: “Por isso, denúncia e anúncio, nesta pedagogia, não são palavras vazias, mas compromisso histórico. Por um lado, a denúncia da sociedade de classes como uma sociedade de exploração de uma classe por outra exige um cada vez maior conhecimento científico de tal sociedade e, por outro, o anúncio da nova sociedade demanda uma teoria da ação transformadora da sociedade denunciada”* (Freire, 1981,p. 48). E o que ele quer dizer? Não adianta a gente só reconhecer que a opressão acontece, a gente precisa criar condições para que ela seja

superada. Aqui eu quero tentar trabalhar isso a partir dos elementos que o movimento feminista trouxe para a gente discutir o aborto com a sociedade.

A dialética da denúncia e do anúncio, do seu Paulinho, traz para a gente um outro elemento que é o inédito viável. O inédito viável é o resultado dessa reação dialética entre a denúncia e o anúncio. Ele é a superação daquela situação de opressão, o inédito viável então acontece quando essa dialética se movimenta e ela é superada. Qual é a qualidade do inédito viável? Ele é o que ainda não é, mas o que pode vir a ser, desde que haja um engajamento político, educativo e coletivo. A gente sabe que a pedagogia do oprimido e o Paulo Freire sempre falam dessas coletividades. Ele nega o fatalismo que diz “as coisas sempre foram assim, então não tem como mudar”; e também fortalece a ideia do sonho histórico de construir outras realidades com uma ação organizada. No livro *Pedagogia da Esperança* ele fala que a esperança é necessária, mas não a esperança que espera, e sim a que faz (Freire, 1992). E ele diz que o verbo que ele defende, o “esperançar”, não é de esperar, é de construir. E ele também reforça que essa construção e, portanto, o movimento dialético entre denúncia e anúncio, é “utópico e esperançoso porque, pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e (...) tem na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo” (Freire, 1981, p. 48)

Bom, para interpretar um desses caminhos de transformação entre utopia e esperança, vamos voltar para as materialidades feministas que tratam do aborto e da justiça reprodutiva.

Na década de 70, o movimento feminista no Norte Global – e aí existe uma rixa entre estadunidenses e francesas de quem inventou o tal do símbolo, isso aí fica para debate no bar – começou a usar o cabide como um elemento simbólico de denúncia dos abortos inseguros que eram realizados por pessoas que precisavam abortar porque esse procedimento não era legalizado nesses países até então (Figura 1).



Figura 1: Imagem de cabide em cartaz em manifestação de 1973 sobre a decisão da Suprema Corte de Roe x Wade.

Fonte: Vídeo da ABC News, “The legal history of Roe v. Wade”.

Quería saber quem aqui já conhecia. Quem não conhecia o cabide como símbolo de luta pelo direito ao aborto? Tá bom, temos algumas pessoas. Sim, gente, é o que vocês imaginam. As mulheres utilizavam o cabide, elas colocavam o cabide em suas partes íntimas para mexer no colo do útero e provocar um processo abortivo, e vocês podem imaginar que isso não é um procedimento seguro e que pode deixar sequelas muito graves, podendo até gerar a necessidade de remoção de útero ou até levar à morte. A gente tem muitos óbitos ainda acontecendo no Brasil por conta de abortos inseguros, mas hoje a gente tem métodos mais seguros, mesmo na clandestinidade, inclusive o protocolo recomendado pela Organização Mundial de Saúde, que combina mifepristona e misoprostol e pode ser realizado em diferentes tempos gestacionais e, até 12 semanas de gestação, os medicamentos podem ser auto-administrados em casa, sem supervisão direta de um profissional de saúde (OMS, 2020).

O cabide foi utilizado como instrumento de denúncia. Então vamos lembrar da interpretação do Paulo Freire: ele era um mecanismo de denúncia. A gente tem o cabide, isso é uma foto muito mais recente (Figura 2), de 2022, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos embargou a decisão Roe vs Wade, que dava direito às mulheres de

interromperem a gestação em todo o território nacional. Com essa decisão de 2022, hoje cada estado define leis específicas por conta da organização federativa do país, e muitos estados estão proibindo, mas a metade dos estados já não realizam procedimentos de aborto e está realmente um caos, banimento total em alguns lugares.



Figura 2: Manifestação contra a revogação de Roe v Wade sobre o aborto, em Washington, 24 de junho de 2022. Na placa lê-se "Never again". Em português: Nunca mais.

Fonte: Evelyn Hockstein, Agência Reuters

Aqui é uma imagem em que a gente pode ver vários cabides com palavras que remetem à problemas que esse instrumento pode provocar, como infertilidade, acabar com a sua vida, embaixo a gente tem sofrimento. Lembrando que isso é sempre um instrumento de denúncia. Quando a gente olha esse cabide, a gente não tem uma noção do que esse movimento está anunciando, mas a gente tem uma noção muito drástica e muito comovente do que elas estão denunciando, certo? A gente tem aqui uma instalação na França em 2024 (Figura 3) também usando os cabides, vocês podem ver que as insígnias viajam por todos os lugares que enfrentam essa luta. Meu corpo, minha escolha é algo que a gente sempre vê aqui nas manifestações, e lá nos processos franceses também.



Figura 3: Cabides durante a manifestação pelo direito ao aborto no sábado, 2 de julho de 2024, em Lyon. Na imagem diz: “Mon corps, mon choix”, em português “Meu corpo, minha escolha.

Foto: Nadège D, Lyon Capitale.

Estou trazendo essas imagens para demonstrar como o cabide ainda é um símbolo muito vivo dentro da luta feminista, especialmente no Norte Global. Essa aqui também é na França. A França em 2024 colocou o aborto na Constituição, isso significa que é muito mais difícil criminalizar o aborto lá, porque não é só uma decisão jurídica da Suprema Corte como foi nos Estados Unidos na década de 1970 e que agora foi revogada. Houve uma reação da população francesa de exigir que o aborto estivesse na Constituição, porque é muito mais difícil você tirar algo da Constituição do que simplesmente embarreirar algo que foi considerado dentro de um julgamento pela Suprema Corte.

Para trazer um fato para vocês, isso aqui também é de Paris, eu não localizei a data dessa ação. A imagem diz: “Em média, a cada hora, sete mulheres morrem por causa de um aborto inseguro no mundo”. Esse é o último dado que a gente tem em uma perspectiva mundial (Haddad & Nawal, 2009). Mas existem algumas lacunas de pesquisa porque nem sempre os dados disponíveis conseguem especificar a causa de

morte materna. Por exemplo, hemorragia é a principal causa de morte materna no mundo hoje, e pode ser consequência de um aborto inseguro, mas nem sempre é registrado dessa forma. Outra questão importante é que em algumas regiões, como a África Subariana, chegam a ter índices de mortalidade por aborto inseguro três vezes maiores que a média mundial (OMS, 2011). É bem alarmante, gente, não sei por que a gente não fala sobre isso, porque é proibido a gente falar sobre esse assunto.

Agora a gente vai viajar um pouco lá do Norte Global para a América Latina (Figura 4). O que essa página de jornal diz? Ela diz “Adiós”, que é adeus. Então “adeus, cabide”. Por quê? Esse é um anúncio da Anistia Internacional no New York Times em 2018 quando a Argentina estava votando a legalização do aborto, depois de muitos anos de luta.



Figura 4: Anúncio da Anistia Internacional sobre aborto na edição internacional do The New York Times, que diz aos membros do Senado da Argentina que “o mundo está observando”.

Fonte: Anistia Internacional.

Em 2018 a Câmara Federal dos Deputados da Argentina aprovou a lei de legalização do aborto, mas o Senado não, e esse anúncio foi publicado no New York Times, chamando os senadores a votarem pela legalização do aborto. Foi um grande rebuliço, porque estava publicado no New York Times, então isso ganhou

expressividade mundial, foi um grande debate na Argentina. E o cabide estava sendo utilizado como símbolo, porque esse símbolo dialogava com o público para onde estava direcionado esse anúncio, que era o Norte Global, que era Nova York, que eram os Estados Unidos. Mas, em terras latinas, outras coisas estavam acontecendo (Figura 5).



Figura 5: Marcha pela legalização do aborto em Buenos Aires, em 2018.
Fonte: Florencia Carrera, Reveladas Colectivo.

A gente tem um outro símbolo, que já era o símbolo dominante nesse período de 2020, e que encarna muitas práticas de lutas e de confluência de lutas no nosso território. O lenço verde, que é esse lenço que as meninas estão segurando aqui.

Esse lenço tem uma origem histórica de confluências de lutas na América Latina, na Argentina especificamente. Essas são as Madres de la Plaza de Mayo, as Mães da Praça de Maio (Figura 6). Alguém conhece esse movimento? Sim? As Mães da Praça de Maio são mulheres que se juntaram após terem seus filhos e filhas sumidos ou assassinados, e a maioria dessas pessoas continua desaparecida. Essas mães se juntaram para protestar quanto ao desaparecimento forçado dos seus filhos, filhas e netos, e elas têm esse símbolo, que é muito icônico, esse lenço branco que elas usam na cabeça.



Figura 6: Marcha das Mães da Praça de Maio em frente à Casa Rosada, em 1977, ano da fundação do coletivo. Na faixa, lê-se: Que aparezcan con vida los detenidos desaparecidos. Em português: Que apareçam com vida os detidos desaparecidos. Fonte: Autoria desconhecida.

Esse lenço, gente, originalmente não era um lenço, era uma fralda. Em entrevistas (Minissérie, 2015), as Mães da Praça de Maio falam que foi bastante inusitado a forma como elas chegaram nesse elemento. Elas estavam indo a peregrinação de uma santa em uma região próxima de Buenos Aires. Essa peregrinação junta milhares de pessoas e elas pensaram: a gente precisa de algo para se identificar na multidão para a gente poder se juntar. O que a gente vai usar? E aí elas pensaram, todas nós temos fraldas brancas em casa, porque nós precisávamos cuidar dos nossos filhos e dos nossos netos. Quem sabe a gente leva essas fraldas e a gente se localiza. No começo elas nem estavam pensando em usar na cabeça, elas estavam pensando em usar na mão, mas elas também não tinham condição de ficar o tempo todo com a mão levantada. Isso é elas contando, gente, a minissérie está toda disponível no YouTube. E então elas resolvem amarrar esses lenços na cabeça, e isso realmente era uma postura inusitada para aquela peregrinação. Depois deste dia, isso passou a ser um elemento tanto de identidade, para que elas se reconhecessem nas multidões, mas também de uso no dia a

dia, até que passou a ser um elemento de reconhecimento público de que aquelas pessoas estavam envolvidas com essa luta.

O lenço tomou outras proporções, elas passaram a bordar esses lenços com o nome dos seus filhos desaparecidos, e elas passaram a customizar esses lenços de diversas formas para os seus protestos, todas as quintas-feiras elas faziam voltas ao redor da Praça de Maio, em frente à Casa Rosada, que é a sede da presidência da República Argentina (Figura 7). E aqui não são só mães, depois de um tempo, a população começou a se juntar a essas mães, a fazer essas rondas, a fazer essas voltas na frente da Casa Rosada. Então, o lenço tomou um significado e um protagonismo na luta dessas mulheres, que também foi imbuído de um sentido político e sintetizava essas práticas políticas que elas tinham.



Figura 7: Ronda das Mães da Praça de Maio em 1979.

Fonte: Asamblea Permanente por los Derechos Humanos.

A gente precisa lembrar que uma fralda é um objeto de uso cotidiano, é um objeto do trabalho reprodutivo que essas mulheres realizavam. Eu vou falar disso depois. Mas como esse objeto de uso cotidiano, de uso doméstico, que não tem um valor de troca muito grande, mas tem um valor de uso muito grande para o trabalho reprodutivo, vira um elemento político? E como esse elemento político faz com que esse

movimento seja reconhecido nacional e internacionalmente e consiga ganhar a relevância que tem, tanto naquela época, mas historicamente até hoje?

E aí a gente chega no lenço verde. Esse ano, faz 20 anos, que o lenço verde é utilizado como elemento da luta pelo direito ao aborto na América Latina. Isso começou lá na Argentina. As argentinas fazem um encontro nacional de feministas todos os anos desde 1986, e há 20 anos foi instituído nesse encontro o uso do lenço verde como elemento de luta.



Figura 8: Lenço verde pela legalização do aborto. Com desenho de um lenço branco e a frase, em espanhol: Educación sexual para decidir, anticonceptivos para no quedar embarazada y aborto seguro para no morir. Em português: Educação sexual para decidir, contraceptivos para não engravidar e aborto seguro para não morrer. Fonte: Autoria Desconhecida. La Izquierda Diario.

Mas o que aconteceu neste evento? O lenço branco já era conhecido como esse elemento material e visual das Mães da Praça de Maio, é um símbolo muito forte na Argentina, um mensageiro muito importante da luta feminista na Argentina. Mas nesse encontro houve uma confluência de lutas, quando foi possível que esse pano se manchasse de verde e desse nome a outra luta, que é a luta por “Educación sexual para decidir, anticonceptivos para no quedar embarazada y aborto seguro para **no morir**”, que é a insígnia de luta da campanha nacional de luta pela legalização do aborto da

Argentina (Figura 8). Vocês podem perceber que aqui nos lenços verdes tem um lenço branco desenhado. Todos os lenços produzidos pela campanha da Argentina têm essa insígnia do lenço branco para sempre lembrar de onde vem e de que lutas estamos falando quando estamos falando dessa luta por justiça reprodutiva.



Figura 9: Nora Cortiñas em evento feminista na Argentina.

Fonte: Vicky Cuomo

Essa é a Norita, Nora Cortiñas, que é uma das fundadoras das Mães da Praça de Maio, ela morreu em 2024 depois de uma vida toda dedicada à luta e aos direitos humanos, mesmo diante da ampla campanha de difamação, perseguição, rapto e morte que foi imposta às Mães da Praça de Maio. Mas eu gosto de apresentar essa foto (Figura 8), porque ela é muito bonita, e ela mostra a junção das lutas das Mães da Praça de Maio com a Campanha Nacional pela Legalização do Aborto. Essa confluência das lutas demonstra que os movimentos intergeracionais sobrevivem ao tempo, e como é importante a pedagogia do movimento social e como esses movimentos educam, politizam e como as lutas se ampliam e complementam.

Eu fiquei na cabeça com o que o Matheus (Ribs) estava falando: O rio não deixa de ser rio quando se junta com outro rio. Uma luta não deixa de ser sua luta quando se

junta com outras lutas, e eu acho que o lenço mostra muito isso para a gente. Para alguém desavisado, a gente pode pensar que é contraditório o movimento de luta de mães e o movimento de luta pelo direito ao aborto estarem juntos dentro de uma insígnia de luta. Mas lembra logo quando a gente falou nos primeiros momentos dessa conversa sobre justiça reprodutiva? É sobre isso. É sobre a possibilidade de criar seus filhos com dignidade que foi roubada das Mães na Praça de Maio, porque eles foram assassinados, e o direito de escolha que também é negado quando a gente tem uma restrição ao direito ao aborto. Então, essas duas lutas se encontram nessa simbologia e eu acho que o lenço carrega essa potência politizadora desses materiais e dessas narrativas que são criadas pelos movimentos sociais e que perduram no tempo e se transformam também, mantendo a luta viva e pulsante.

Sobre isso, na Argentina, em 2018, quando a Lei foi votada, ela não foi aprovada. Eu já falei para vocês que foi o Senado que não aprovou. Em 2020, elas conseguiram a legalização do aborto, que agora está em risco por conta do Milei, a gente sabe que essas coisas... A luta é sem fim, realmente. E elas sempre nos dizem que é mais difícil manter a lei do que conquistar a lei. Então, a luta é contínua mesmo e precisa seguir viva.

Para finalizar, eu quero deixar os aprendizados que estou tendo, essa é uma pesquisa que está em andamento, eu estou tentando realizar uma coleta de artefatos visuais e narrativos da luta pelo direito ao aborto na América Latina. Isso faz parte da minha pesquisa, mas é uma pesquisa incipiente, estou trazendo para vocês como algo em construção, ainda em processo, mas algumas reflexões que já consigo fazer, já consigo traçar alguns caminhos para apresentar para vocês.

A gente tem esses objetos que são domésticos, anônimos e coletivos. Esses objetos são ignorados pela história do design, nem mesmo são reconhecidos como objetos pertencentes ao universo do design. Por que o design ignora esses artefatos e toda a potencialidade daquilo que eles ensinam? Vou apresentar que isso tem a ver com questões pertencentes ao universo dos movimentos sociais e a desimportância que as lutas sociais tem tido no nosso campo; e também tem, sem dúvidas, a relação com o

patriarcado e o reposicionamento de objetos domésticos em relação aos “objetos de design” (ver mais em Buckley, 2025) e, por fim,

Esses artefatos, que são visuais e materiais e são produzidos na coletividade da luta dos movimentos sociais, carregam conhecimentos e histórias que estão neles incorporados e que desafiam as narrativas dominantes sobre essas lutas. E voltando, em 2018 elas perderam no Senado, mas elas ganharam o debate na sociedade. Por quê? Porque era um mar de gente com lenço verde, você botava o lenço na mochila, você botava o lenço no punho, você levava o lenço para casa. O lenço era motivo de debate. O aborto conseguiu ser falado na mesa de bar e na mesa de almoço com seus pais, e isso tudo tem a ver com esses elementos, com essas criações que levam a essas histórias, que levam a esse debate, que potencialmente politizam a população a partir dessas materialidades e dessas narrativas que estão sendo criadas. Da denúncia ao anúncio.



Figura 10: Iniciativa performática da Anistia Internacional na Vigília em 2020.

Fonte: Victor Caivano/AP.

E aí, por isso que eu também apresento essa foto aqui (Figura 9). Essa imagem é da vigília que aconteceu durante a votação de 2020, quando finalmente a lei foi aprovada. Ela mostra o cabide, mas também elas vestem o lenço, já tem essa transição. O cabide, que denuncia a violência, e o lenço branco que carrega um histórico da denúncia

das Mães da Praça de Maio, mas essa imagem anuncia outras coisas. O lenço verde, então, anuncia o mundo vindouro, que é o mundo da legalização, o mundo onde todo mundo tem direito à justiça reprodutiva e à sua autonomia. Existe aí uma movimentação entre a denúncia e o anúncio, uma ação utópica e esperançosa, como disse Freire. Os objetos feministas carregam essas práticas políticas pedagógicas desses movimentos e vão construindo esses novos imaginários, conectando essas lutas, que são lutas históricas. Então aquilo que a Pamela estava falando, que é muito importante a gente conhecer a nossa história para a gente poder se situar aí, para a gente poder transformar a realidade. Esses elementos, esses objetos, eles também carregam isso, eles também fazem parte da nossa construção latino-americana, da nossa história e eles ensinam essas práticas de resistência.

Outra coisa importante para a gente pensar é que esses objetos, eles são normalmente negados pelo design, eles não são objetos de design, eles nem merecem a nossa atenção como objetos de design. Esses objetos não têm autoria, eles não respondem bem às "regras do design". Eles são objetos produzidos de maneira industrial e ressignificados do seu uso doméstico e cotidiano e se transformaram em outra coisa, que transbordou o espaço privado da casa e desafiou politicamente as normas vigentes. E de um jeito ou de outro, eles são parte constitutiva da materialidade que a gente tem na América Latina e deveriam ser compreendidos e abraçados como tal. Porque isso aqui – os objetos, seus significados e potências – não é restrito aos movimentos sociais, isso aqui é para dialogar com a sociedade. E se a gente está também, enquanto designers, enquanto pesquisadores, querendo dialogar com a sociedade, é bom a gente manter o olho bem aberto para essas realidades que também estão sendo conformadas nesses espaços das lutas sociais, especialmente mas não limitadas às feministas.

Por fim, quero compartilhar que esses objetos feministas indicam a possibilidade desse inédito viável que Paulo Freire nos ensinou e nos dão ferramentas para que a gente continue apostando que dá para fazer diferente, que existem mundos por vir. E é isso, pessoal. Obrigada.

Referências

BUCKEY, Cheryl. Design no Patriarcado. Clube do Livro do Design, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 58ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2014.

_____. Ação cultural para a liberdade. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

HADDAD, Lisa B; NAWAL, M Nour. Unsafe abortion: unnecessary maternal mortality. Reviews in obstetrics & gynecology vol. 2,2, 2009. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2709326/#B1>>. Acesso em setembro de 2025.

MADRES de Plaza de Mayo - La Historia. Minissérie. Diretor: Sebastián Mignogna. Argentina: El Perro en la Luna e Canal Encuentro, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Questions and answers: Abortion Safety. Publicado em 24 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/abortion-safety>>. Acesso em setembro de 2025.

_____. Unsafe abortion, authors. Unsafe abortion: global and regional estimates of the incidence of unsafe abortion and associated mortality in 2008. 6th ed. Geneva: World Health Organization, 2011. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/global-and-regional-estimates-of-the-incidence-of-unsafe-abortion-and-associated-mortality>> Acesso em setembro de 2025.

ROSS, Loreta; DERKAS, Erika; PEOLPLES, Whitney; ROBERTS, Lynn, & BRIDGEWATER, Pamela. (Eds.). Radical reproductive justice: Foundation, theory, practice, critique. Feminist Press at CUNY, 2017.